



UFSJ Universidade Federal de São João del-Rei – MG

Curso de Graduação em Teatro – Bacharelado

Ellen da Silva Rodrigues

Cultura Popular: desbravamentos de uma autobiografia, memória e
narrativa.

Fevereiro de 2014

São João del-Rei – MG

“Contamos histórias porque afinal de contas as vidas humanas precisam e merecem ser contadas” (Ricoeur *apud* Arfuch, 2002, p.111)

Agradecimentos:

Agradeço primeiramente a Deus pela vida e pela família, agradeço infinitamente à minha Mãe, Ana, e ao meu Pai, Cosme, por todos os sacrifícios feitos para realizar nossos sonhos, ao meu irmão pelas ajudas ao longo do tempo e por estar sempre ali disposto, agradeço à minha família pelo carinho demonstrado ao longo desses quatro anos de sacrifícios e conquistas, ao meu Amor William pelo companheirismo, amor e tempo dedicados mesmo à distância.

À minha família de coração, minhas amigas e amigos, pela união e pela amizade dedicada durante esses quatro anos em que estive fora, e aos amigos que fiz ao longo desses quatro anos pela participação e dedicação uns aos outros, agradeço de coração à família Nepomuceno Ávila, que me acolheu nesses anos como parte dela, dando-me carinho e amizades que quero levar para o resto de minha vida e à minha amiga irmã Vânia que fiz pelo amor e pelo carinho nos dias felizes e tristes. Por fim agradeço aos meus primeiros professores teatrais, os quais sempre me ajudaram a trilhar os caminhos da arte, fique aqui declarada minha eterna admiração à CIA Teatro da Cidade. Agradeço à universidade pelas bolsas e pelo espaço no qual podemos fazer nossa arte, ao meu querido e amado mestre (orientador e desorientador) Alberto Ferreira da Rocha Junior, o qual sempre acreditou em mim e no meu potencial para a pesquisa teatral e para o teatro. E aos professores que dedicaram seu tempo, conhecimento e carinho durante esses quatro anos.

Obrigada a todos vocês que fizeram esses quatro anos valerem a pena!

Resumo:

Este trabalho de conclusão de curso tem o intuito de discutir sobre a cultura popular brasileira em cena, mais especificamente a cultura do Vale do Paraíba. Assim, pesquisei autores tanto de teorias, como de peças e de práticas teatrais. Podendo assim relatar minha pesquisa feita a partir da cultura popular, memória e narrativa, trabalho este a partir das festas juninas. A pesquisa teve o intuito de levar à cena teatral corporificações. Utilizando-me dessas pesquisas para a cena, pude almejar uma linha e observar corpos nessas festividades e relatar minhas próprias experiências, podendo fazer uma junção destas experiências, levando-as à cena teatral como parte integrante dos personagens vividos, pois a memória é parte integrante de um povo e é ela quem conta e recria sua história.

Sumário:

1. A Cultura;
 - 1.2 Cultura Popular;
2. Folclore/Quadrilha;
 - 2.1 Surgimento e justificativa da quadrilha;
3. Memória;
 - 3.1 Narrativa;
4. Objetivo do projeto;
 - 4.1 Da escolha;
 - 4.2 Processos criativos;
 - 4.3 Resumo: Um dia ouvi a lua peça de Luiz Alberto de Abreu;
5. Conclusão.

1 A Cultura:

A palavra cultura abrange várias formas do popular, mas define tudo aquilo que é produzido a partir da inteligência e da sagacidade humana. Ela está presente desde os povos primitivos em seus costumes: sistemas, leis, religião, em suas artes, ciências, crenças, mitos, valores morais e em tudo aquilo que compromete o sentir, o pensar e o agir das pessoas.

A cultura também pode ser entendida a partir dos hábitos e aptidões adquiridas pelo homem não somente em família, como também pela sociedade como membro de uma sociedade. Cada país ou região tem sua própria cultura influenciada por vários fatores, como por exemplo: a cultura brasileira que é influenciada pelos ritos católicos e as matrizes africanas.

Cultura também é definida em ciências sociais como um conjunto de ideias, comportamentos, símbolos e práticas sociais, aprendidos de geração em geração através da vida em sociedade. Seria a herança social da humanidade ou ainda de forma específica, uma determinada variante da herança social.

A cultura é também um mecanismo cumulativo porque as modificações trazidas por uma geração passam à geração seguinte, transformando-se, perdendo e incorporando outros aspectos, procurando assim melhorar a vivência das novas gerações. A cultura é um conceito que está sempre em desenvolvimento, pois com o passar do tempo ela é influenciada por novas maneiras de pensar inerentes ao desenvolvimento do ser humano.

1.2 Cultura Popular:

A cultura popular é algo criado por um determinado povo, sendo que esse povo tem parte ativa nessa criação. Pode ser literatura, música, arte etc. A cultura popular é influenciada pelas crenças do povo em questão e é formada graças ao contato entre indivíduos de certas regiões. A cultura popular é um conjunto de bens materiais ou imateriais, passível de ser apropriado e elaborado por todos.

Segundo as ideias de Canclini sobre o que é e a que pertence o popular. A cultura popular se apresenta alheio a modernidade, mesmo sendo um conjunto de bens e prática que identificam uma nação. Para o autor é por isso que é salvo como patrimônio, que a

cultura sobrevive, à ideologia dos poderes oligárquicos, o tradicionalismo substancialista.

Foram estes grupos hegemônicos que até pouco tempo atrás na América Latina eram os donos “naturais do país” o que fixava alto valor nos bens culturais como os centros históricos, a música clássica e ao saber humanístico. Incorporaram também alguns bens populares sob o nome de “folclore” marca que indicava tanto suas diferenças com o respeito a arte quanto a sutileza do olhar culto, capaz de reconhecer nos objetos do “outro” valor genericamente humano. (Canclini, 2012, p. 160)

O popular é de fato um conjunto de bens que determina uma “memória” do passado para um povo, não importa para um conjunto determinado de pessoas, se estes bens foram lhes introduzidos pelos colonizadores ou se pertence a seus povos primitivos. O popular é uma maneira de representação de sua história seja ela qual for, por isso mesmo ainda na era moderna o popular ganha “exaltação” mesmo que seja em festas em que além de manifestarem sua cultura, as pessoas possam fazer destas festa também uma maneira de lucro.

Não obstante, o tradicional aparece muitas vezes para suportar as contradições contemporâneas. (...) A comemoração se torna uma prática compensatória: se não podemos competir com as tecnologias avançadas, celebramos nosso artesanato e técnicas antigas (Canclini, 2012, p.166)

2 Folclore/Quadrilha:

O folclore conhecido do nosso país vem das lendas e ritos feitos pelo nosso povo desde tempos remotos. O medo era transformado em mito como o da sereia Yara era utilizado para justificar o sumiço de homem nos rios, as histórias do Boto cor de rosa, para justificar a gravidez suspeitadas jovens. “O que se define como patrimônio e identidade pretende ser o reflexo fiel da essência nacional. Daí que sua principal atuação dramática seja a comemoração em massa.” (Canclini, 2012, p.163)

A quadrilha servia para que o povo criasse uma maneira de festejar as colheitas bem sucedidas e agradecer aos santos, ou para glorificar antes disso os deuses das colheitas, como já era feito desde os tempos da Roma antiga. Os agricultores promoviam grandes festas para agradecer aos santos, pelas colheitas fartas, assim eles dançavam e festejavam, estas festas aconteciam também para festejar os tempos de bons frutos, de terra fértil, por isso os agricultores acreditavam que este era um bom momento para casar os filhos, para renderem “bons frutos” para suas futuras gerações.

Para essas populações as festas são acontecimentos enraizados no seu cotidiano produtor, as celebrações são fixas de acordo com o ciclo agrícola ou religioso, em que a unidade doméstica de vida e de trabalho se reproduz por meio da participação coletiva da família.

Estas festas eram uma maneira de se celebrar a vida aconteciam casamentos e batizados, onde mesmo sem a presença de órgãos religiosos ou civis os grupos populares o faziam e depois tinha que oficializar com os padres e oficiais que passariam pelos vilarejos, por isso as danças e as comidas em abundância. Pois para se celebrar a vida e a fertilidade das terras era preciso agradecer e dedicar estas festas a estes santos.

Com o passar do tempo estas festas foram perdendo a característica somente de manifestações e ganharam aspectos mercantis, mas as populações resistentes continuaram se manifestando, agora não para agradecer grandes colheitas e ou casamentos, eles agradecem somente aos santos ou às vezes nem isso, eles se manifestam para manter as tradições festivas, para serem dias de festas, dias de celebração da vida, dias de manter viva suas características, mesmo que hoje nos tempos modernos essas festas tenham novos fins como a arrecadação de doações para grupos de caridade, para escolas, igrejas e outros fins, as festas agora vendem estes “produtos” populares, mas não podemos julgar se a partir daí a tradição se perdeu, pois mesmo com fins mercantis ainda persistem as danças, o levantamento de mastros, a fogueira, as comidas e seus significados ainda são passados para as próximas gerações.

2.1 Surgimento e justificativa da quadrilha:

Desde minha infância participo destas manifestações. Minha família sempre participou destas manifestações, com as origens das colheitas, pois vieram da roça e lá na cidade onde viviam ainda aconteciam casamentos e manifestações religiosas nas festas, portanto sempre em minha família, mesmo morando na cidade grande, ainda se mantêm vivas essas manifestações. Também fui influenciada pelas festas escolares e religiosas nas quais ainda que sendo para vender produtos e ou obter outras coisas, sempre tive gosto de participar das festas, de me vestir a caráter, de dançar e comer todas as delícias das festas.

Minha aprendizagem cultural foi um misto entre o tradicionalismo cultural e a cultura ensinada da parte moderna. Aprendi a dançar muito jovem, quando somente ia

ver os outros dançarem. Acho que três coisas me apeteciam participar destas festas: primeiro as cores; segundo o ato de representar (mesmo que quando criança eu não percebesse isso); e terceiro as comidas maravilhosas que são feitas até hoje (em casa costumamos brincar que em junho e julho engordamos tanto quanto no Natal).

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós. (Halbwachs, 2006, p31)

Isso retrata bem o que acontecia e ainda acontece em minha família, mesmo que algum membro não estivesse presente, ele sabia de suas histórias. Minha mãe e minhas primas sempre me contam as minhas artimanhas de infância e eu me impunha muitas vezes no meio das apresentações escolares da quadrilha e sempre acabavam me arrumando um par, apresentações estas que não eram do meu grupo escolar, muitas vezes eu era ainda “muito pequena pra isso”, mas eu já adorava ver tudo aquilo, fazer parte daquela cultura e o Vale do Paraíba, tem muitas manifestações culturais, mais o que lhe dá mais orgulho são as festas de santos reis e as festas juninas, somos os “inventores” do bolinho caipira.

3 Memória:

A partir do ponto de vista da cultura popular, a memória pode ser vista como um conjunto de lembranças adquiridas de certa coisa ou acontecimento, a memória relativa à cultura pode ser vista como a lembrança deste acontecimento como fato, a memória pode ser coletiva ou então pessoal, cada pessoa pode ter seu ponto de vista em relação ao fato: dos primeiros anos da escola alguns lembraram de coisas ou fatos negativos e outros somente fatos positivos e mesmo assim com a memória de cada um a memória coletiva pode ser formada e este tempo pode criar um sentido de saudosismo mesmo para aquele que possuía lembranças ruins deste tempo. “A multiplicidade das formas que integram o espaço biográfico oferece um traço comum: elas contam, de diferentes modos, uma história ou experiência de vida.” (Arfuch, 2010, p.111)

A cultura é feita a partir da junção de várias memórias, mas também da memória de uma pessoa específica que se torna uma espécie de guardião desta memória coletiva. Esta pessoa, querendo ou não, com o tempo, influencia com seu ponto de vista estas memórias.

A vivência, pensada então como unidade de uma totalidade de sentido em que intervém uma dimensão intencional, é algo que se destaca do fluxo do que desaparece na corrente da vida. (Arfuch, 2010, p.38)

Esta vivência torna-se experiência em parte vivida pelo ouvinte, pois a unidade traz sentido e fluxo à história contada, sendo assim a biografia interpessoal torna-se em parte sua.

A persistência aguda da crença, esse algo a mais, esse suplemento de sentido que se espera de toda inscrição narrativa de uma “vida real”, remete a outro regime de verdade, a outro horizonte de expectativa. (Arfuch, 2010, p. 73)

3.1 Narrativa:

A narrativa é uma das maneiras de expressão utilizada desde os primórdios da humanidade, era a maneira pela qual os moradores mais antigos e mais sábios costumavam passar para frente seus saberes e a história de sua região, ela foi usada por muito tempo como uma forma de expressão de um povo.

O teatro narrativo contemporâneo tem raízes profundas. Raízes que adentram grossas camadas de tempo viajam longamente no espaço e ultrapassam supostas barreiras que se pode construir entre arte e sociedade, entre manifestação cultural e social. (Borges, 2012, revista cena 20)

Os moradores dessas sociedades costumavam mostrar pontos de vista e transmitir experiências. Portanto narrar é uma experiência teatral utilizada há muito tempo, por vários motivos. O teatro de hoje vem desta experiência que ultrapassa as barreiras na sociedade moderna. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros.” (Benjamin, 1994, p. 201)

4. Objetivo:

O objetivo deste trabalho é relatar meu processo de pesquisa sobre a cultura popular da minha região, mais especificamente as festas juninas. Para isso fui à Fundação Cultural Cassiano Ricardo em São José dos Campos, São Paulo, para buscar informações e arquivos sobre as festividades juninas. Encontrei com a pesquisadora e folclorista Ângela Savastano, que me contou mais coisas sobre este ciclo joanino. Ela também me indicou alguns livros das festividades para que eu lesse e me informasse sobre as festas de São João. Também fui ao grupo “Piracuara cultura e arte”, grupo este criado pela referida folclorista, buscar fontes de imagens, gravações e textos que relatassem essas festas, pois como o grupo pesquisa as festas e os folclores da região do Vale do Paraíba, eles possuem arquivos e pesquisas na área. Foi a partir dessa pesquisa que percebi o conceito de cultura para minha região, pois mesmo minha cidade sendo uma cidade grande, ela guarda os momentos “ritualísticos” de sua cultura, hoje com

menos participação que antes, mas ainda há aqueles que gostam e continuam estas manifestações. As festas juninas na minha cidade são um momento especial, pois as pessoas entram por inteiro nesse universo “caipira”, eles vão a caráter nas festas. Apesar destas festas terem ganhado também um fim “mercantil”, as pessoas ainda se dedicam a estas manifestações.

Meu intuito em pesquisar esta manifestação foi de buscar o que para mim como memória me tocava. Lembrei de minha infância, das tantas festas juninas de que participei e das tantas em que dancei. Adorava quando chegava esta época, pois eu sabia que iria “representar”, iria dançar e as pessoas iam me ver. Quando somos crianças imaginamos assim estas coisas. Quando fui crescendo, percebi o quanto isso era importante e o quanto eu gostava de ir a estas manifestações. Para mim esta época tem um cheiro e um ar diferentes. Esta experiência tornou-se uma fonte que posso narrar e na qual posso me reconhecer.

A experiência que passa de pessoa para pessoa é a fonte a que recorreram todos os narradores. E entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos. (Benjamin, 1994, p. 198)

Estas memórias que me retomam sobre as festas, sobre meus momentos de infância, sobre as festas das escolas e da igreja me lembram os momentos mais felizes, mais divertidos da minha infância. Adorava ter um par e mesmo no desengonçar das crianças estávamos nos divertindo. As coreógrafas ou as próprias professoras nos faziam ver estes momentos como dias de festa e muita alegria. Era sempre divertido dançar, brincar e comer nestes dias.

Por isso escolhi este tema da memória como uma espécie de autobiografia do que vivi, pois em cena estarei, como nos ensaios, rememorando estes dias, o como a comunidade se comportava, aquelas pessoas que só ficavam olhando, o que acontecia, os romances e a festa.

4.1 Da escolha:

A peça tema escolhida para este trabalho final, é *Um dia ouvi a lua*, peça criada por Luiz Alberto de Abreu, que fez este texto encomendado pela CIA Teatro da Cidade, uma companhia que existe há mais de 23 anos em São José dos Campos. Esta companhia queria falar sobre este universo caipira que já existiu e que ainda paira sobre minha cidade, por isso a escolha do texto. Ele se vincula completamente com o que

pesquisei, ele conta histórias mistas entre as músicas de Tonico & Tinoco e histórias reais da cidade ou região. A peça retrata muito bem o universo caipira e em nossa adaptação conseguimos situá-la em nosso universo criado para nossa pesquisa, assim estes dois universos o da memória e o do texto se entrecruzam e se juntam, tornando-se uma coisa só. A narrativa contida na história veio a calhar com o estilo de trabalho da cultura popular e narrativa, portanto o texto foi uma ótima escolha, mas precisou sofrer ajustes, tanto por uma questão de logística de tempo como a da paixão que possuo pelo texto, que além de belo é poético e tratado mundo caipira de maneira simples e bonita.

O ciclo das festas juninas é marcado, sobretudo pelas festas de Santo Antônio, São João e São Pedro, sua diversidade de elementos é bastante significativa, principalmente em termos religiosos. Fato este que demonstra ainda vestígios da crença e da tradição desta festividade marcada em nosso país pela colonização portuguesa. Para as tribos indígenas essa época é marcada pela fertilidade da mulher, pela fertilidade para o plantio e para os animais, motivo este que também contribuiu para a época ser mais marcante para nossa cultura. Um exemplo marcante da miscigenação e, sobretudo, a mistura dos costumes indígenas serem misturados aos costumes religiosos, o erguimento do mastro ou o pau de fita é um exemplo desta mistura dos dois.

A representação do caipira, sobretudo na quadrilha, é tida como a exploração da condição da pobreza e simplicidade do povo. Era costume a dança em volta da fogueira com batismos e casamentos, que depois vieram a ser representados nas quadrilhas atuais.

4.2 Processos criativos:

Iniciamos nossas pesquisas para a montagem cênica com a leitura de alguns textos teatrais e debatemos como seria este trabalho de conclusão, como queríamos as cenas, como iríamos reunir os três trabalhos de TCC o meu, o da Cláudia Leão e como a Lais Dalariva iria fazer para montar duas pesquisas de dias “santos” tão diferentes em uma mesma cena, portanto apresentei alguns textos que conhecia e que me apeteçiam o gosto teatral, pois já havia citado alguns destes na primeira versão do TCC e lemos o texto *Um dia ouvi a lua*, todas amaram o texto e percebemos que ele poderia nos ajudar a reunir os temas dos TCCs.

Decidimos, portanto, que nosso texto seria a peça *Um dia ouvi a lua* de Luiz Alberto de Abreu, criada para a CIA Teatro da Cidade, mas autorizada a ser utilizada durante o nosso trabalho de conclusão de curso. Nosso trabalho com o texto seria modificar a primeira e a terceira história e manter a história do meio fiel ao texto, para que assim a peça ficasse mais parecida com o que estamos procurando. Relemos o texto e a primeira história seria modificada para ser situada nos dias entre o carnaval e semana santa, o período da quaresma, pois a pesquisa da aluna Cláudia Leão é voltada para os movimentos da semana santa/quaresma, sendo assim ela poderia se utilizar do texto para aprimorar os movimentos e sensações que esta época lhe causava, a terceira história seria modificada para as festas juninas, para se adaptar à minha pesquisa e para que eu pudesse por em cena mais gestos miméticos e sensações que me tocam desta época, já a segunda história seria mantida fiel ao texto, pois esta peça é dividida em três histórias diferentes.

Sendo assim começamos a pensar em cima do texto o que poderia e deveria ser modificado, pesamos e retiramos o prólogo, que será reescrito com momentos de nossas vidas, será mais pessoal, os textos são baseados em três músicas de Tonico & Tinoco, pensamos como iríamos fazer com a parte musical da peça, pois nenhuma de nós três sabe tocar e nem cantar, então decidimos convidar músicos que vão nos acompanhar durante os ensaios e vão cantar as músicas de nosso espetáculo, começamos a pensar como iríamos organizar os textos, quantos artistas a mais iríamos precisar e como seria a escolha e produção disso tudo.

Portanto decidimos que cada uma iria pesquisar as músicas e os textos para poder substituir o que imaginamos e como iríamos modificar partes da peça sem que fugisse do texto original, mas tendo nossas partes para se situar nas épocas que pesquisamos. Pensamos como seria nosso demiurgo e como ele faria para reunir e passar por todas as histórias, já que ele é o responsável por dar vida e continuidade para os textos. Colocamos algumas partes e retiramos outras para adaptar o texto ao nosso trabalho, terminamos as organizações do texto e finalizamos com as decisões das pessoas que iríamos convidar para nos ajudar e nos acompanhar em nosso trabalho.

Convidamos os artistas que queríamos que nos acompanhassem em nosso trabalho, e esperamos suas respostas, nos reunimos para falarmos das pessoas que iriam nos acompanhar, dividimos os personagens, convidamos também as pessoas que iriam

cantar, além de dividirmos, o texto e os personagens, discutimos quais seriam os espaços em que poderíamos nos apresentar, qual seria nosso tipo de figurino e como seriam as distribuições:

- Os figurinos foram pesquisados e desenhados por mim.
- O espaço ficou decidido pela sala preta.
- As primeiras pessoas que nos responderam e começaram a trabalhar conosco foram: Diego Domingos, Felipe Trindade, Giselle Mara, Gabriel Carneiro e Yara Cardoso.
- Isso depois foi modifica com a saída da Yara Cardoso e entrada da Laís Dalariva Pacheco no lugar de seus personagens e a Claudia Leão também saiu de cena, sendo assim a primeira história foi retirada, ficando somente um resumo desta.

Os personagens foram distribuídos da seguinte forma:

1º Adeus morena adeus:

Demiurgo: Diego Domingos

Beatriz nova: Ellen

Beatriz velha: Cláudia

Violeiro novo: Felipe

Violeiro velho: Gabriel

Crianças: Giselle e Yara

Primas: Giselle e Yara

Mãe: Ellen

Pai: Felipe

2º Cabocla Tereza:

Crianças: Ellen e Giselle

Demiurgo: Diego Domingos

Antonio Bento: Felipe

Dona Eva: Ellen

Pessoas: Cláudia e Ellen

Tereza moça: Giselle

Tereza morta: Yara

Lourenço: Gabriel

Mãe: Ellen

Homem: Gabriel

3º S'Maria do Rio Pequeno:

S'Maria: Ellen

Pai Teodoro: Gabriel

Cidália: Giselle

Caruca: Yara

Bentinho: Gabriel

Cipriano: Felipe

Festeiro/demiurgo: Diego Domingos

Crianças: Ellen, Cláudia, Giselle, mais uma atriz

Beatriz e Tereza: Cláudia e Yara

- Apresentamos os textos aos outros atores e atrizes, repassamos as divisões dos personagens.
- Decidimos o que fazer e escrever no TCC, principalmente em questão da mimesis.
- Desenhei os croquis dos figurinos e levamos à costureira do curso para ela dizer o que achava e decidimos comprar roupas nos brechós para serem modificadas.

Decidimos fazer máscaras para o baile de carnaval e fomos até o cenotécnico do curso para ver com ele como poderíamos fazer. Em reunião, apresentamos para o

restante do grupo como pretendíamos fazer a peça. Começamos então as leituras dramáticas. A partir daí começamos a passar as cenas com alguns movimentos e tentando encontrar os corpos para os personagens.

- Trabalhamos alguns jogos orientados pela até então diretora para encontrar nossa “criança interior” e para confiança do grupo.
- leituras dramáticas.
- começamos a passar as cenas com alguns movimentos e tentando encontrar os corpos para os personagens.

No entanto no retorno das férias tivemos algumas modificações a serem feitas em nosso grupo, pois a atriz Yara Cardoso não iria mais poder participar de nosso processo, também houve a mudança de pesquisa da atriz e formanda Cláudia Leão, pois ela decidiu voltar sua pesquisa para a produção teatral. Com isso tivemos que mudar os focos de nossas pesquisas, eu retirei a mimesis do foco principal de minha pesquisa e modifiquei a mesma para Cultura popular e Narrativa, a Laís que iria fazer sobre direção foi para encenação e direção colaborativa. A partir daí modificamos a cena teatral, retiramos a primeira cena e deixamos as duas últimas, pois como na peça as cenas são independentes uma das outras não havia problemas, para assim podermos adiantar o processo criativo e lidar com as mudanças de uma melhor maneira. Sendo assim reiniciamos nossos ensaios com as cenas já modificadas, o processo acontece com ensaios todos os dias de segunda a sexta-feira no período da tarde, a direção colaborativa está acontecendo e as cenas estão ganhando ânimo e plasticidade com o desenrolar dos ensaios, meu processo de pesquisa da narrativa está sendo interessante, pois meus personagens são: uma mulher “fofoqueira” a Dona Eva, com a qual irei trabalhar a narrativa e perceber como seria esta narrativa, como também posso trabalhar este mundo do caipira da cultura popular e da festa junina e na minha outra personagem a S’ Maria consigo trabalhar a leveza da mulher na festa junina tanto como a alegria, a beleza e o universo caipira desta festa.

4.3 Resumo: Um dia ouvi a lua peça de Luiz Alberto de Abreu

A peça foi escrita a pedido da CIA Teatro da Cidade, com o intuito de retratar o universo caipira da região do Vale do Paraíba. As histórias mostram o olhar feminino dentro das músicas de Tonico & Tinoco.

Inspirada nas canções “Adeus, morena, Adeus” (Piraci/Luiz Alex), “Cabocla Tereza” (João Pacífico/Raul Torres) e “Rio Pequeno” (Tonico/João Merlini), gravadas pela famosa dupla caipira Tonico & Tinoco, e recriando-as do ponto de vista feminino, “Um Dia Ouvi a Lua” narra histórias das mulheres Beatriz, Tereza e S’Maria, em busca do amor verdadeiro. A peça é resultado de um processo colaborativo, a partir de pesquisas do universo caipira brasileiro.

A busca pelo amor das três mulheres acontece de maneiras diferentes. Beatriz encontra seu primeiro amor em uma festa onde combinam de fugir, mas enquanto ela queria estar perto de seu amor, ele ainda quer conhecer as estradas e viver emoções. Beatriz fica à sua espera todos os dias de sua vida, porém quando ele retorna já é tarde demais, ela já se cansou de esperar e tem medo de que ele tenha ido, mas para partir de novo, então não quer mais esperar e ficar com o violeiro. Na segunda história Tereza vive um lindo amor de infância com Lourenço, mas ele precisa partir com sua família atrás de trabalho, ela fica desconsolada, mas o tempo passa e ela se casa com Antonio Bento e apesar de seu casamento ser bom ela ainda sente que lhe falta algo, então um dia Lourenço volta e eles fogem para reviver seu amor. No entanto Antonio Bento se desespera e vai atrás deles para matar Tereza, quando eles se encontram ela já sabia o que ele iria fazer, pois assim era o costume da época ele se entrega e morre feliz por ter podido viver seu amor mesmo que por pouco tempo. Na terceira história tudo é novo para Maria, que vive o período de transição entre menina e mulher, ela era feliz ainda como uma menina com seu pai até conhecer Cipriano, seu primeiro e grande amor, eles combinam de fugir para viver seu amor, no entanto no meio do caminho S’Maria tem medo de enfrentar este novo mundo e também tem saudade do seu pai. O pai de S’Maria por sua vez vai em sua busca da filha pois não entende sua fuga repentina e sua busca pelo amor, já Cipriano quando percebe a fuga de S’Maria não entende seu medo e vai a sua busca para ela voltar com ele, então S’Maria pede um conselho à Lua para que ela indique o que deveria fazer. As personagens das outras histórias a aconselham a ir viver seu novo amor para que a mesma não se arrependa mais tarde como aconteceu com as outras duas. Então S’Maria segue seu destino com Cipriano com a benção e o perdão de seu pai. Todas as histórias são envolvidas e contadas por um narrador que permeia as histórias e é quem transporta os espectadores de fora do universo da peça para dentro e depois os traz de volta para o nosso mundo onde às vezes não temos tempo de contar e sonhar.

5. Conclusão:

Meu trabalho de conclusão de curso me fez acreditar em novas experiências, me fez aprender muito com os problemas de uma montagem teatral, talvez a mais difícil que fiz até hoje, mesmo assim não me arrependo de minhas escolhas. Apesar dos problemas, tanto práticos como teóricos, pois houve muitos, fico grata a cada segundo de noites mal dormidas, a cada lágrima derramada e a cada centavo gasto para mais esta etapa se cumprir.

Minha pesquisa sofreu mudanças ao longo do trabalho, mas creio que isso é normal, pois cada trabalho, cada leitura e cada pessoa te influenciam querendo ou não, no que você diz ou quer dizer.

A pesquisa se encaminhou entre três temas que me agradam, claro que não profundamente em nenhum deles, no entanto cada qual à sua maneira se cruza, não poderia falar sobre cultura popular sem ao menos fazer uma passagem por narrativa e memória, já que a cultura é feita a partir de memórias coletivas narradas por um portador desta “história”, pois quando falamos do que vivemos ou quando passamos para outras pessoas nossa cultura, estamos de alguma maneira narrando um fato ou uma história que ganha espaço em outras memórias e em um ambiente, mesmo que esta cultura não pertença a este lugar se ela é repassada e partes dela ficará e “influenciará” este ambiente. “...assim seus vestígios estão presentes de muitas maneiras nas coisas narradas, seja na qualidade de quem as viveu, seja na qualidade de quem as relata”. (Benjamin, 1994, p.205)

A cultura só existe se os membros de determinada região agregam valor ao que seu passado presente e futuro significa para sua sociedade, pois a cultura necessita de algo ou alguém que a relate e que “detenha” sua história.

Assim meu trabalho foi reconstruir minhas memórias internas, as memórias corporais e as lembranças ambientais para assim poder, retornar ao tempo que relato e ao lugar a que pertencço com um olhar “crítico”, podendo assim ver e perceber como era e como é o lugar a que pertencço, para poder por em cena estes corpos e estas lembranças de maneiras vivas e com o meu olhar cativante sobre cada um destes fragmentos de memória existentes dentro de mim para extrair esta memória e levar elas à cena teatral, pondo nos personagens que represento um pouco de cada significado que aqueles gestos

ou momentos me recordam mais especificamente como a quadrilha e as festas juninas me significam podendo, ao resignificar, esta festa e momento de minha memória em meus personagens.

Sendo assim creio que meu trabalho foi bastante proveitoso, já que por conhecer tanto o texto que utilizamos quanto estas festas a que me refiro e por participar de maneira direta e indireta destes momentos, consegui-me por em cena com as qualidades destes momentos e com a facilidade de compreensão de um texto que muito me encanta, já que o mesmo, como dito acima, foi escrito por pedido da CIA Teatro da Cidade ao Luiz Alberto de Abreu para poderem falar e contar histórias de nosso tão querido Vale do Paraíba.

E assim foi essa história sem tirar nem por. Das três é a que mais alegria nos dá contar, porque é a mais verdadeira. Que me desculpem os outros narradores, mas história triste tem sempre alguma mentira. Porque a maior verdade do mundo é o amor e nele não cabe verdade menor.” (ABREU, L. Alberto; Um dia ouvi a lua)

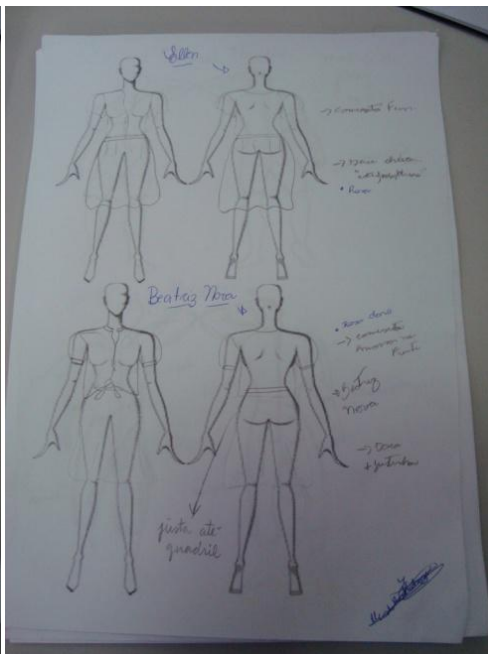
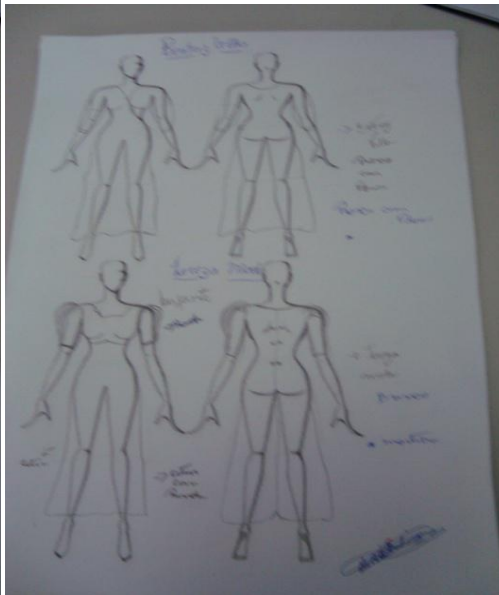
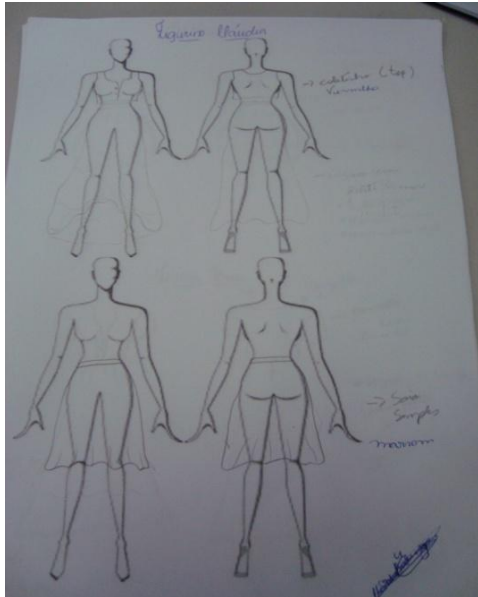
Referências Bibliográficas:

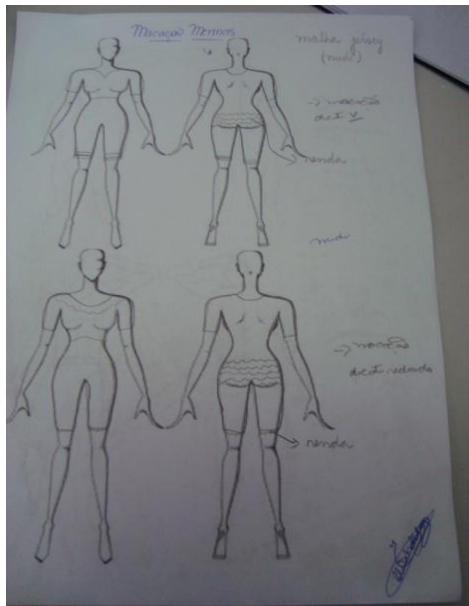
- CANCLINI, N. García. *Culturas Híbridas*. São Paulo: EDUSP, 2012.
- FERRACINI, Renato. *A arte de não interpretar como poesia corpórea do ator*. Editora Unicamp. 2001.
- ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Ed. UERJ. 2010.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Ed. Centauro, 2006.
- SILVA, R. M. da Costa. *Cultura Popular e Educação: Salto para o Futuro*. Realização: Ministério da Educação.
- BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política*. Ed. Brasiliense, 1994.
- LUME, Teatro. Peça: Café com queijo. 1999.
- ABREU, L. Alberto. Peça: Um dia ouvi a lua. 2010.
- ABREU, L. Alberto. Artigo: A Restauração da Narrativa. 2010.
- BORGES, L. Matias. Artigo: Da Narrativa ao Teatro Narrativo. 2012.
- <http://cecpdesajose.blogspot.com.br/p/piraquara.html>
- http://www.fccr.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2173:patrimonio-imaterial-sera-tema-de-debate-no-revelando-sp-&catid=148:fccr&Itemid=197

Anexos 1 :

Croquis dos figurinos femininos:(Fotos e desenho de Ellen da Silva Rodrigues)

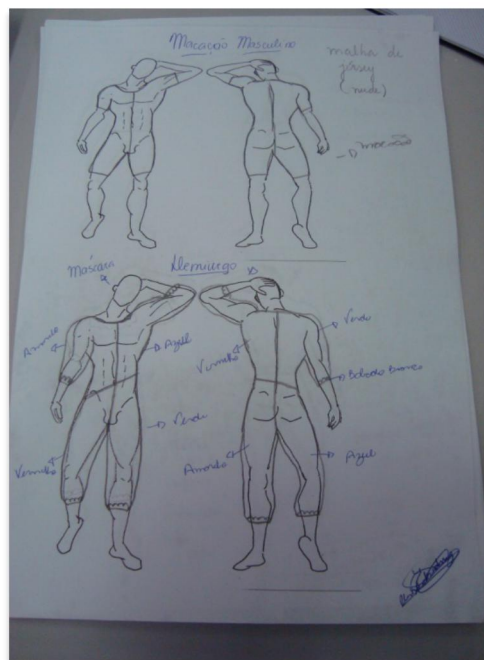
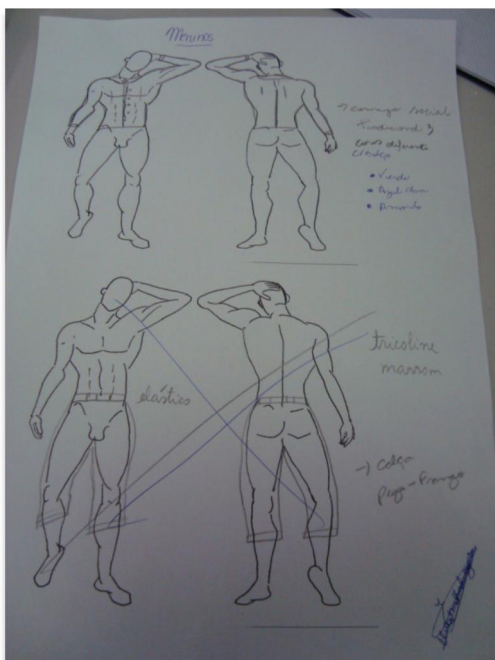
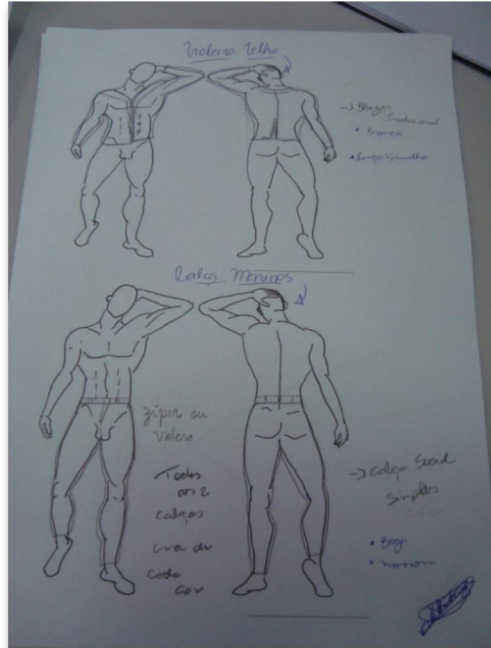
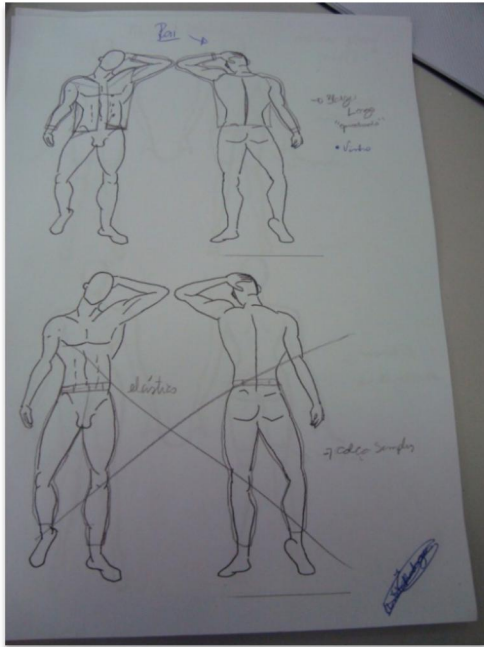
Ellen Rodrigues (S'Maria, dona Eva); Giselle Mara (Tereza nova, dona Cidalia); Lais Dalariva Pacheco (Tereza morta, mãe e Dona Caruca); e macaquinho base.



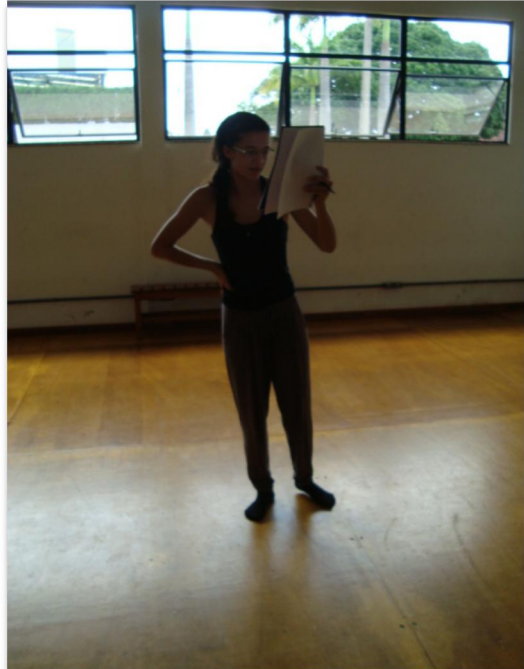
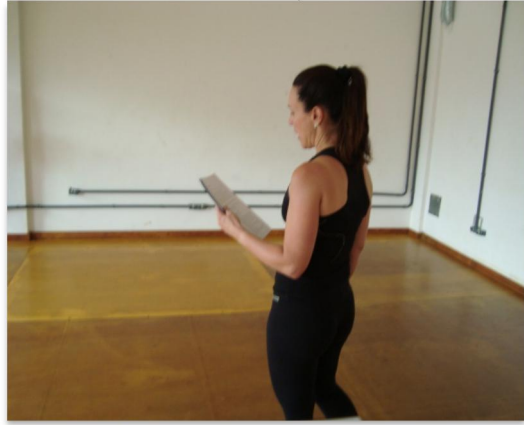


Croquis Figurino Masculino:(Fotos e desenho de Ellen da Silva Rodrigues)

Diego Domingos (Demiurgo); Felipe Trindade (Antonio Bento e Cipriano); Gabriel Carneiro (Lourenço, Pai e Bertinho).



Ensaios:
Passagens de texto: (fotos de Laís Dalariva Pacheco)



Busca da criança: (Fotos de Laís Dalariva Pache)



Preparação corporal para avivar personagens:

(Fotos de Claudia Leão)







Anexos 2:

(Texto)